

## EM DIREÇÃO AO ACONCÁGUA

Mais uma vez, Rafaela levou um susto, ao acordar e ver que a cama era enorme, depois que Pedro a deixara no meio da noite, como ele sempre fazia. Já devia ter se acostumado, pois, em muitas cidades da América Latina, em muitos hotéis, alguns confortáveis outros nem tanto, essa cena se repetira nos últimos oito anos.

Levantou-se rapidamente e, assim, que saiu das cobertas, lembrou-se que, mesmo na primavera, as manhãs em Mendoza são frias. Correu em busca de um roupão e passando pelo espelho, ainda se achou muito bonita, nua e branca.

Ligou a ducha para a água quente descer, enquanto escovava os dentes e observava as finas rugas que se desenhavam em torno dos seus olhos. Tinha feito 39 anos havia duas semanas e já sentia, levemente, aquele mal estar que acomete as mulheres perto dos 40.

Enquanto ligava o chuveiro, desejou que a água abundante fosse capaz de ir além de lhe proporcionar um bom banho. Era preciso que ela levasse pelo ralo a sensação que sentia, quando encontrava Pedro, de que estava perdendo tempo, de que os anos passavam e ela não conseguia qualquer estabilidade afetiva. Essa constatação aumentou o arrepio que sentiu em decorrência dos primeiros respingos d'água.

Não passaria o dia esperando que ele voltasse, ao entardecer ou talvez só à noite, ao Hotel Huentala, pertinho da Avenida San Martin, no centro da cidade, onde estava hospedava. Pedro sempre lhe pedia que variassem os locais de hospedagem, que mudassem os percursos, que evitassem os mesmos restaurantes e nada fizessem que chamasse atenção. Isso irritava Rafaela, tanto porque sabia que, racionalmente, isso era o mais adequado e ela não podia se comportar emocionalmente, nas circunstâncias em que viviam esse amor, quanto percebia que essas medidas visavam a proteção de Milena, a esposa dele.

O Hotel Huentala era conceituado como um hotel boutique. Era confortável, tinha uma recepção com muitos cantinhos agradáveis, lindas pinturas nas grandes paredes e a enorme bacia de prata que, sobre um pedestal, no meio do hall de entrada, dava boas vindas aos hóspedes com suas lindas e deliciosas maçãs verdes e vermelhas. A recepcionista lhe explicara que huentala, era o termo utilizado pelos indígenas para se referir a um conjunto de guanacos.

Apesar das qualidades do Huentala, acabara de decidir: não passaria o seu dia, fazendo de conta que curtia o hotel, enquanto, de fato, estaria mesmo é fazendo hora para esperar Pedro, que podia chegar às 16 ou às 23h.

Quantos outros hotéis já conhecera nessa cidade? Não seria capaz de enumerá-los... Pedro Velazquez era de uma família proprietária de uma grande finca nesse lindo vale que se estende aos pés dos Andes, no município de Luján de Cuyo, hoje parte da aglomeração metropolitana de Mendoza que ultrapassa o milhão de habitantes. Embora fossem reconhecidos como tradicionais, para não os qualificar como conservadores, Pedro resolvera romper com essa tradição, o que lhe trouxera problemas com o pai, e se filiara ao Partido Verde, do qual era, agora, um líder na Argentina com certa projeção na América Latina.

Foi justamente numa das convenções do partido, no Brasil, que Rafaela o conhecera, quando lhe foi apresentada por Gabeira. Pedro havia comparecido como um convidado internacional para apoiar a reunião e reforçar a ideia da importância de se fazer crescer a causa verde, num país em que os problemas ambientais ampliaram-se nas últimas décadas.

Enquanto tomava seu café da manhã, Rafaela lembrou-se do sorriso que Pedro lhe deu naquele dia, da forma como a mediu de cima em baixo e sentiu, ao mesmo tempo, saudade e raiva, por constatar que ele havia conseguido o que seus olhos pediram a ela, desde o primeiro dia: seu corpo, antes mesmo de seu coração.

Esse sentimento contraditório levou-a a idealizar um dia seu, sem Pedro, e o melhor é que isso lhe agradava, pela primeira vez, nos últimos anos. Levava o café quente à boca e, levemente, balançava a cabeça afirmativamente, como a se convencer de que havia sim possibilidade de se divertir sem ele. Nesses últimos oito anos, todo seu tempo vinha sendo destinado ao trabalho, na espera dos possíveis encontros com Pedro, mas agora, queria ter um dia diferente.

Dirigiu-se à agência da Localiza a menos de 100 metros do hotel e locou um Corsa sedan branco. Namorando o mapa que lhe foi cedido, resolveu tomar a Ruta Nacional 7 (RN 7) na direção oeste. Chegaria o mais próximo que lhe fosse possível do Aconcágua.

Quando ainda era pré-adolescente e estudava no Colégio Santa Amália, em São Paulo, onde nasceu e cresceu, sua professora do 4º ano primário, Dona Maria da Paixão, obrigava toda a turma a decorar a altitude dos principais picos do mundo e, entre eles, estava o Aconcágua, o mais alto das Américas. De nada adiantou o esforço da professora, pois Rafaela não se lembrava mais se ele era da faixa dos quatro, dos cinco ou dos seis mil metros de altitude.

Abriu rapidamente o Guia O Viajante, que tinha adquirido no Aeroporto de Guarulhos, na primeira vez que havia viajado para Mendoza, ao encontro de Pedro, apenas um mês após o tórrido final de semana que tiveram no Rio de Janeiro, durante aquela fatídica convenção. Encontrou, na p. 244 do guia, o mapa que lhe serviria de apoio durante sua jornada.

Eram 9h, quando tomou a estrada e sentiu-se muito bem de correr em direção aos contrafortes dos Andes. Lembrou-se de quantas vezes já havia se deparado com essa maravilhosa cordilheira e lhe veio à mente a primeira vez que isso aconteceu. Estava no segundo ano da faculdade, cursava Geologia na UNESP de Rio Claro e uns amigos do 4º ano lhe convidaram para uma verdadeira expedição a ser feita nas férias de verão. Não tinha sido fácil convencer sua mãe, mas o espírito de aventura de seu pai havia ajudado a adotar os bons argumentos e obter a autorização desejada. Foi, assim que, em grupo, carregando grandes mochilas, Rafaela, dois amigos e uma amiga cruzaram a Argentina com destino ao Chile, atravessando a Cordilheira dos Andes por essa mesma RN 7.

Agora, olhando pelo vidro do carro, vislumbrava imagens tão magnânimas que ficou pensando se já havia mesmo prestado atenção nelas ou se era essa magnitude que fazia aquela paisagem parecer sempre diferente, sempre nova, a partir do ângulo que a espreitássemos ou da situação que se estivesse vivendo: uma coisa era ter 19 anos e viajar com três amigos, outra era aproximar-se dos Andes como cinegrafista de um documentário preparado para a TV1 francesa, outra ainda era viajar apaixonada por Pedro e, ao lado dele, o que significa que preferia acompanhar cada gesto seu a vislumbrar a cordilheira.

De fato, talvez fosse esse o seu primeiro encontro verdadeiro com os Andes – Rafaela e a cordilheira.

Rolava pela pista sem pressa. Aliás, isso lhe chamava atenção: os mendozinos não são de correr nas rodovias e nisso se distinguem muito dos portenhos ou dos paulistanos, para não falar apenas de *los hermanos*. O traçado bastante retilíneo da *ruta* no primeiro trecho fazia Rafaela sentir-se num vídeo game, com facilidade de manter o veículo sobre a via, apesar dos enormes obstáculos, que margeavam a pista, representados pelas elevações dos Andes, depois que percorreu os 30 primeiros quilômetros, atravessando o município de Luján de Cuyo, onde se assentavam as planuras cobertas pelos vinhedos.

A exuberância do relevo era ainda maior, porque a vegetação era escassa, dando às formas uma imponência mais significativa, do que aquela que a altitude lhe atribuía. Buscou nas aulas da faculdade o pouco que se lembrava sobre a caracterização desse bioma e se recordou de que se tratava de uma região semi-árida, razão pela qual a cordilheira, ao norte, próxima ao Atacama, onde o clima era desértico, era ainda mais impressionante em sua aridez radical.

Poucos vestígios de ocupação humana eram observados ao longo da rodovia e quando avistou o Cabañas del Rio, resolveu fazer uma pausa. Entrou, pediu uma água com gás e um café. Ficou olhando, pelo vidro do restaurante que se voltava ao Rio Mendoza, as famílias que estavam hospedadas naquele complexo, auto conceituado

como hotel de lazer e SPA. Eram casais na faixa dos 30 e 40 anos, com crianças pequenas e alguns poucos adolescentes que aproveitavam o domingo de sol e se divertiam acenando para os barcos cheios de jovens que desciam o rio, fazendo *rafting* e cantando.

Ficou pensando se não tivera filhos, até agora, pelo fato de viver esse amor clandestino por Pedro, ou se não teria tido mesmo filhos, afinal sua profissão exigia que ficasse mais tempo viajando do que em casa e, por isso, não era convidativa para essa experiência. Sem continuar a pensar na causa, lamentou que não tivesse crianças por perto, o que daria muito mais sentido ao passeio: chamaria atenção delas para as belezas daquela cordilheira.

Lembrou-se do quanto gostava de esportes até chegar aos 30 anos, o que também seria ótimo compartilhar com filhos. No fundo, no fundo, ainda gostava, mas Rafaela tinha subtraído de sua vida tudo que significasse não estar completamente disponível, no momento em que Pedro lhe acenasse com a possibilidade de um encontro, o que poderia demorar um mês para acontecer.

Olhou em volta e observou, na mesa ao lado, um casal. Ficou se perguntando que idade teriam. Se tivessem filhos, era provável que já fossem adultos. Pelo modo como se vestiam, pareceu-lhe não apenas que eram brasileiros, mas paulistas. Ela fazia anotações num caderno verde e Rafaela se deu conta de que era muito observada. Temeu que as anotações fossem sobre ela. Por mais que a mulher paulista fosse boa conhecedora da alma humana ou muito criativa, não seria capaz de supor o quanto amava Pedro, o quanto ele lhe fazia chegar às nuvens, quando transavam. Lembrou da idade que lhe separava da mulher, talvez 10, talvez 20 anos, e ficou se perguntando se ela usaria o verbo transar ou teria optado pela expressão “fazer amor”...

Em seguida, preferiu supor que ela seria, apenas, uma jornalista que trabalhava para alguma editora, encarregada de publicar um bom guia de turismo, por isso ela anotava tanto. Se essa hipótese fosse correta, a missão era boa, porque o guia que tinha em mãos, era muito superficial e já havia procurado algo melhor, ao estilo das coleções Michellan ou Visual, e não havia encontrado nada para os países da América do Sul.

Pagou a conta rapidamente, fez umas fotos do rio, disfarçadamente registrou outras do casal e, depois, do belo cactus que adornava a frente do hotel e ficou pensando como era possível ele florir em meio a tanta aridez.

Entrou no carro e dirigiu até vislumbrar Potrerillos, a 63 km de Mendoza. Já havia subido dos 700 e poucos metros em que se encontra esta cidade, até os 1.350 metros em que estava o pequeno povoado de pouco mais de 500 habitantes, que avistava agora. Atualmente, ele está tomado por estâncias e *cabañas*, que, nos finais de semana, são ocupadas pelos moradores da capital mendozina.

Quando era pequena, Rafaela achava uma falta de imaginação o Estado de São Paulo ter sua capital com o mesmo nome e não entendia porque o do Rio de Janeiro tinha tido como capital Niterói, e depois havia incorporado o antigo distrito federal e ficara na mesma condição de dupla nomeação. Com o tempo, tanto viajara que foi encontrando essa situação em outros países e, agora, atravessava a Província de Mendoza, cuja capital tinha o mesmo nome.

Resolveu não parar em Potrerillos e seguir até Uspallata, que está aos 1900 metros de altitude, por isso continuou a subir pelos contrafortes dos Andes e o encantamento com o inusitado continuava. As formas do relevo eram imponentes e sempre novas, à medida que percorria mais algumas dezenas de quilômetros. Tal como havia observado nessa mesma cordilheira ao norte, na posição de Paso de Rama, na latitude do Deserto de Atacama, o colorido nas paisagens andinas tem relação direta com a altitude e com o alcance das águas provenientes do degelo. Até onde essas águas chegam abundantemente, há uma vegetação rasteira mais próxima do verde; onde chegam intermitentemente, há uma vegetação mais seca que oferece um colorido amarelado às faixas correspondentes; por fim, quando se vê a terra nua, muitas vezes a rocha aflorada, sabemos que as águas do degelo não chegam ou não passam por ali. Olhando-se de longe, vemos apenas as faixas coloridas, em múltiplos tons de três ou quatro cores, que, por sua vez, são potencializados com a incidência ou não do sol, bem como pelo grau dessa incidência sobre uma dada parcela da encosta. Isso significa que há um multicolorido impressionante.

Rafaela lembrou-se de um de seus professores do Curso de Geologia, que sempre fazia referência à beleza profícua que a Natureza exhibe e que, muitas vezes, nem sequer paramos para observar: o tempo impresso nas camadas, as cores e as texturas alteradas pelo intemperismo físico e pelo químico, as dobras realizadas em outras eras, as alterações resultantes dos sismos e das erupções – tudo isso seria, parafraseando Caetano Veloso, beleza pura!

Não era uma apaixonada pela Geologia, conclusão a que chegou já no primeiro ano após ingressar na universidade, passando por um vestibular concorrido. Não tivera coragem de contar isso aos pais, que tanto haviam se sacrificado para lhe pagar as mensalidades do cursinho. Por isso foi levando... Lembrou-se de Pedro e se perguntou por quanto tempo iria levando esse amor aos pedaços...

Ao chegar a Uspallata, desceu do carro para esticar as pernas e percebeu que sentia frio. Já havia alcançado os 1.900 metros e, apesar de ser quase meio dia, isso não era suficiente para compensar. Pegou a blusa e lamentou não ter trazido um lenço para o pescoço, porque a sensação era ampliada pelo vento que estava forte.

A cidadezinha teria, segundo as informações do guia, cerca de 4.000 habitantes. O nome do povoado tinha origem em "chuspallacta", que significa "embolsado", já que

o núcleo estava num pequeno vale, um oásis, encravado em meio àquelas montanhas. Poucas ruas eram asfaltadas, entre elas a principal – Avenida General Las Heras. A maior parte das residências era segunda moradia e se distribuía por áreas semi florestadas que estão em torno do núcleo mais concentrado. Também são voltadas aos segmentos de médio poder aquisitivo de Mendoza. Havia alguns poucos restaurantes, pequenos hotéis, *cabañas*, *lancherías* e poucos serviços que, a essa altura do ano, não pareciam funcionar já que não era essa a alta temporada de inverno.

Resolveu parar num pequeno bar que se localizava no cruzamento entre a RN 7 e a Avenida General Las Heras, chamado Tibet. O nome fora de lugar chamou atenção de Rafaela e, lendo o pequeno texto no Guia, onde ele era indicado, logo entendeu a razão. Por ocasião das filmagens de Sete Anos no Tibet, a empresa estadunidense responsável pela produção não conseguiu autorização do governo chinês para filmar, digamos, nas paisagens originais. Assim, a opção foi transferir o set para Uspallata de modo a aproveitar a similitude das paisagens andinas às do Tibet. Assim, esse lugarejo segue vaidoso de ter acolhido cineastas, artistas e toda *troupe* que envolve uma superprodução, com destaque para Brad Pitt. O pequeno bar Tibet foi fundado e herdou parte dos objetos dos cenários e, assim, reproduz e lembrança desses dias gloriosos.

O hambúrguer que Rafaela pediu demorou um pouco, mas ela não se incomodou, porque o sol que batia naquele avarandado favorecia a vista dos Andes. Olhou para dentro do bar pelo vidro e avistou o mesmo casal com quem cruzara duas horas antes. Ficou incomodada com aquela presença e teve, novamente, a impressão de que a mulher que tanto anotava poderia estar escrevendo sobre ela. Sentiu-se desnudada por aquele olhar tão próximo e decidiu que faria outra foto do casal, como uma pequena vingança: se ela escrevia sobre Rafaela, procuraria invadir sua alma com as maravilhosas lentes de sua Pentax e não lhe escaparia aqueles olhos curiosos, um pouco tristes, guiando as mãos que escreviam rapidamente e a boca que falava sem parar.

Deixou o Tibet, depois de pagar a conta à garçonete que parecia uma personagem de um filme sobre os hippies dos anos de 1960. Indo mais longe, achou que a Rebordosa, do Angeli, poderia ter sido inspirada nessa garçonete, se ela não tivesse agora cerca de 20 anos e estivéssemos em 2010, portanto se ela não tivesse nascido muito depois da genial criação do cartunista brasileiro.

Entrou no carro, abriu o guia e dirigiu mais um pouco até o Mirador de Uspallata, onde havia uma cruz da Via Crucis. Nada de muito interessante, por isso retomou a RN 7 em direção a Puente del Inca, penúltimo lugarejo antes da fronteira com o Chile. Parou no Cementério del Andinista, onde estão sepultados corpos daqueles que, desde o início do século XX, tentaram escalar o Aconcágua e não foram bem sucedidos. Rafaela perguntou-se de quem teria sido a iniciativa daquele sepulcro

coletivo. Esses mortos não teriam famílias que preferissem transladar seus corpos? Pensou nas mães deles que choraram ao longe e, talvez, muito depois de suas efetivas mortes, porque antes do período atual em que os meios de comunicação são mais eficazes é possível que uma notícia como essa demorasse semanas para chegar. Sentiu-se protegida das possibilidades dessa dor, por não ter filhos. Sentiu-se chateada de não ter coragem de largar Pedro e fazer outra vida, com outro amor, o que eventualmente poderia incluir filhos e todos os perigos e alegrias que essa experiência contém.

Quando concluiu a faculdade, seu jeito “boa companhia” valeu-lhe mais um convite. Antonio, seu colega de classe, tinha um grupo que viajaria até Ushuaia, no extremo sul da América do Sul, fazendo uma expedição, cuja narrativa já estava previamente encomendada por uma revista de turismo de aventuras, que lhes financiava. No inverno, as temperaturas alcançam os trinta graus negativos no sul da Patagônia e, justamente, por isso a viagem seria cheia de perigos e, por consequência, de emoções, o que ajudaria a vender revistas. Na avaliação deles, poderiam aproveitar e fazer também filmagens, o que não estava no pacote encomendado pela revista, mas, quem sabe, daria para negociá-lo, depois, com algum canal de TV fechada. Como sabiam que Rafaela tinha sensibilidade e, em vários trabalhos de campo durante o período da faculdade, fora a escalada para os registros, consideraram a oportunidade da ida dela, para essa tarefa.

O convite viera a calhar. Parte de seus amigos, desde o começo do último ano, preparava-se para a seleção aos programas de pós-graduação, elaborando seus projetos; outra parte estudava como louca para um concurso que ameaçava ser aberto pela Petrobrás; a ela, nem uma perspectiva nem a outra atraíam, tampouco uma terceira via se desenhava. A viagem poderia ser justamente isso. E foi.

As lindas tomadas que registrara foram suficientes para se inscrever e ser classificada, em segundo lugar, num concurso que estava sendo realizado pela TF1 – o principal canal de televisão aberta na França. Ficou esfuziante, tanto com o prêmio – uma permanência em Paris, com todas as despesas pagas, para acompanhar a edição do documentário em que suas imagens seriam aproveitadas – como com o aprendizado que aquela experiência lhe proporcionara definindo sua vida profissional dali para frente.

Tornara-se uma cineasta de documentários, sobretudo de expedições, mas também fazia outros tipos de filmes jornalísticos e de *marketing*, trabalhando como *free lancer* para agências de propaganda, TV aberta e fechada, partidos políticos e personalidades, que queriam ter suas vidas projetadas.

Foi, por essa razão, que se encontrava na convenção do Partido Verde, financiada pela Natura, cujo proprietário era um entusiasta das causas ambientais. Ele

queria que as tomadas das principais personalidades do partido, fossem depois mescladas a outras, denunciando a destruição da Amazônia e do Cerrado brasileiro e mostrando o que ainda existia desses biomas, como uma boa razão para votar nesse partido. Ela não havia entendido bem em que tipo de mídia e com que gênero de linguagem, ele queria exibir essas filmagens, mas o pagamento era bom e lhe propiciaria trabalho por seis meses, ao menos. O que ela não sabia é que, por causa desse trabalho e das filmagens da convenção, conheceria Pedro e teria o rumo de sua vida alterado.

Diminuiu a velocidade do carro, voltou a prestar atenção na paisagem, avistou o Aconcágua e teve certeza que não se esqueceria dele facilmente (nem do Aconcágua, nem de Pedro). Desejou, fortemente, que, caso viessem a se separar, ela não esquecesse seu cheiro quente, o formato de suas unhas, o modo de rir exagerado, seu jeito atencioso com os detalhes e, sobretudo, a forma como era capaz de conversar adequadamente com qualquer pessoa, não importava a idade ou a condição socioeconômica, o que lhe dava a principal qualidade que um político deve ter: sabia falar, tanto quanto sabia ouvir.

Foi, assim, que ele lhe convencera a levá-lo à casa de sua família, na Vila Mariana, como se fosse apenas seu amigo, e lhe apresentasse aos pais, a seu irmão que é médico na Beneficência Portuguesa e à sua querida avó, com quem se iniciara nas idas ao cinema, quando ainda tinha apenas sete anos. Todos ficaram encantados com Pedro e seu pai ainda disse: “É uma pena ele ser casado, se não, seria o par certo para você abandonar essa solteirice que já me incomoda”.

Rafaela corou e teve medo de se denunciar, o que, de fato, ocorrera, porque dois dias mais tarde, quando fora lanchar com sua avó como fazia sempre que podia, ela lhe disse *en passant*: “É fácil compreender porque você está apaixonada por ele”. Rafaela achou melhor não retrucar, nem confirmando nem desmentindo, seria inútil enganar sua avó, tanto quanto inadequado colocá-la a par da relação que estava vivendo. Ela era opinativa demais para apenas ouvir, embora teria sido bom contar a alguém capaz de entendê-la, o que se passava.

Puente del Inca estava a 2.700 metros de altitude e era a porta de entrada para o Parque Provincial Aconcágua. O nome do lugarejo devia-se a uma formação rochosa natural que se assemelhava a uma ponte que se sobrepunha ao Rio Mendoza, cujos registros indicam que fora utilizada pelos incas após a travessia dos Andes, em conquista àquelas terras.

Não se podia conceituar como cidade aquele aglomerado de construções cortado pela RN7. De um lado, estavam as edificações da vila militar que se instalara ali, tendo em vista a proximidade da fronteira; de outro, algumas construções que compunham um núcleo desordenado, não servido por ruas, onde se desenvolviam



atividades comerciais, associadas diretamente ao turismo que ali se realizava: havia um pequeno restaurante, se é que ele merecia esse nome, duas ou três pequenas bodegas, onde se podia comprar refrigerantes e alguns petiscos embalados e industrializados, casinhas pequenas que Rafaela supunha que fossem dos proprietários das barracas, onde se vendia algum artesanato, do tipo “lembranças” de Puente del Inca.

A fome já era grande às 14h e ela desejou comer empanadas, as típicas mendozinas, parecidas às saltenhas e menores do que as chilenas. Foi em vão, porque a única bodega em que se anunciava num cartaz mal escrito “empanadas” estava vazia e nem mesmo seu proprietário ou empregado se apresentava para falar alguma coisa. Entrou no tal restaurante onde havia muito gente àquela hora. Como a garçonete demorava para trazer o cardápio, adiantou-se e foi ao banheiro, passando pela lateral da cozinha, o que foi o suficiente para desistir de comer ali.

Saiu, sentiu o vento no rosto e a temperatura baixa, apesar do sol reluzente. Afastou-se um pouco e caminhou até um patamar a partir do qual vislumbra o Rio Mendoza encaixado, num vale que cortou a rocha há milhões de anos, e vislumbrou a formação natural que dava nome ao povoado. Do outro lado do rio, num sítio privilegiado em relação a essa “ponte” estavam as ruínas do que fora, no passado, um grande hotel de águas termais, que se aproveitava delas, tanto quanto da linda vista dos Andes. Uma avalanche, que descera suas encostas, destruiu o hotel e favoreceu ao pequeno comércio que nasceu em função desse turismo de escombros.

Como era domingo, ali estavam famílias menos favorecidas, como denotava a idade dos carros estacionados. Provavelmente viviam na aglomeração metropolitana de Mendoza e aproveitavam o dia para um passeio. Alguns haviam trazido seus lanches e comiam por ali, outros degustavam a *parrillada* engordurada no barulhento restaurante que Rafaela decidira abandonar, em função da sujeira da cozinha e do banheiro.

Dirigiu-se à entrada do parque provincial e à pequena edificação onde havia o “I” gigante que, internacionalmente, indica “informações” e saiu com seus folhetos, disposta a caminhar até onde lhe fosse possível e recomendável, na direção do Aconcágua.

O vento aumentava ou a sensação dele era maior depois de alguns minutos a pé. Lamentou não ter vindo mais agasalhada. Havia pouca gente por ali, apesar do dia bonito. Parava para descansar, a cada 300 metros, e aproveitava para ler mais um pouco do que se registrava no seu Guia e ficou sabendo que já estava a 180 km de Mendoza e a 2850 metros de altitude. O que vislumbra à sua frente, era a face sul da famosa montanha, cujo cume ainda enfeitado com as neves eternas, fazia aquela

elevação se destacar do conjunto, já sem as pinceladas brancas, que sempre se vê no alto inverno, uma vez que já eram finais de outubro.

A leitura do guia ajudou a reavivar sua memória: o Aconcágua tem 6.962 metros e, não fossem os picos principais da Cordilheira do Himalaia, seria essa a maior elevação do mundo. Sua história está associada à do homem, chamado pelos argentinos de o “gran general San Martín” que, em 1817, atravessou a cordilheira no sopé do Aconcágua, com 5 mil soldados e 10 mil mulas, para salvar os chilenos do domínio espanhol. Por causa disso, somos todos obrigados a encontrar, em cada cidade ou povoado da Argentina e do Chile, uma avenida ou uma praça, entre os principais logradouros, com o nome do notável general, o que dá uma enorme confusão, quando queremos localizá-los com um GPS.

Sentada ali, folheando o Guia, viu que o mesmo casal que lhe acompanhava desde a primeira parada da manhã fazia o seu percurso. A mulher já estava cansada e, provavelmente, por causa do frio que aumentava, resolveu voltar para o carro. O marido, que tinha a barba e os cabelos quase todos brancos, era bastante ágil, porque seguiu adiante, indo bastante além do ponto que Rafaela conseguira alcançar, quando a batata da perna já tremia e ela achou que seria mais prudente voltar.

Ter ido até aquele mirante já era muito bom. A grandeza da montanha tornava seu drama amoroso inexoravelmente ridículo no movimento do mundo. Sentia-se aliviada com essa sensação, porque ela afastava o sentimento, que lhe parecia imperioso no começo do dia: era preciso tomar uma decisão, viver para sempre esse amor ou romper com ele. Percebia muito bem, agora, que havia mil outras possibilidades e que ela podia ser como aquela montanha, ou seja, deixar que o tempo lhe aparasse arestas, moldasse formas e decidisse seu destino.

Desceu pelo mesmo caminho, com o passo acelerado, para compensar o frio. Viu a provável paulista dentro do carro cochilando e sentiu-se aliviada por ela não estar lhe observando e fazendo seus registros no caderninho de capa verde.

Entrou no carro e sentiu que, em função de ele ter ficado estacionado ao sol, encontrava-se desagradavelmente quente e abafado, apesar das baixas temperaturas do lado de fora.

Retomou a estrada e fez todo o percurso de volta apreciando o trançado irregular que três linhas faziam por aquele percurso: a própria RN7, a antiga ferrovia, ao que parece desativada, e o Rio Mendoza – três tempos, três caminhos, muitas histórias.

Descia para o vale, já alegre, tanto pela opção de ter saído do hotel, de dirigir sozinha por aquela estrada, de ter revisto ou visto, de fato, aquelas paisagens, quanto pelo dia maravilhoso que lhe era proporcionado – o sol, a ausência de névoas e de

poeira em suspensão, como era tão comum nessa região árida, possibilitava a ela, curtir cada pedacinho daquela maravilha.

A fome apertava. Lamentou não ter enfrentado mais que um terço do hambúrguer que a hiposa lhe servira no Tibet e pensou o quanto seria maravilhoso almoçar numa das bodegas, como denominavam as vinícolas, nessa região, que se tornara a partir dos anos de 1990, a principal produtora de vinho da Argentina, responsável por 70% do total do país. Nesse maravilhoso vale aos pés da cordilheira, há mais de 1.200 vinícolas, das quais uma centena aceita visitas do público e têm espaços de degustação e restauração.

Buscou em sua memória, as mais apreciadas, as quais nunca podia freqüentar acompanhada de Pedro, pois era ele um deputado importante e, além do mais, um empresário de destaque, porque era um dos que liderou o grupo de vinicultores que há vinte e cinco anos, como parte dos arroubos de sua juventude, resolvera internacionalizar a produção e a imagem da viticultura daquele vale.

Esses ambientes eram muito íntimos de Pedro e sempre freqüentados por ele, acompanhado de Milena. Estavam casados havia 20 anos e não tinham filhos, porque ela perdera o útero, em função de um câncer precoce aos 30 anos. Sentiu pena de Milena e sentiu-se afortunada de ainda poder engravidar, caso isso lhe parecesse fundamental.

Passou pela via principal de Luján de Cuyo, município onde estão as principais vinícolas e alcançou a estrada, ao longo da qual estavam alguns dos espaços que desejava conhecer, como o famoso 1884, do chef Francis Mallmann, que já fora considerado o segundo melhor restaurante do mundo. Foi inútil, pois logo na entrada o rapaz que fazia o papel de segurança informou que só aceitavam reservas para daqui a 100 dias.

Pelo seu mapinha, viu outro espaço a que Pedro fizera referência – a Finca Decero – cujas edificações em ocre avistou, assim que chegou à entrada da propriedade e foi atendida pelo segurança que, por meio de seu sistema de comunicação interno, consultou sobre a possibilidade de aceitarem uma cliente sem reserva. O pedido foi acatado, o enorme portão em madeira foi aberto automaticamente e Rafaela dirigiu em meio às vindimas, geometricamente plantadas, industrialmente alinhadas e protegidas por telas transparentes. Tudo tão perfeito que causava dúvida sobre a veracidade daquela paisagem tão maravilhosa e tão cartesiana, que mais parecia uma pintura de Monet.

Estacionou seu Corsa locado, ao lado de carrões cujas marcas nem saberia reconhecer e foi cumprimentada por alguns senhores de terno preto, pouco alinhados, que deveriam ser motoristas do grupo de empresários que ocupava a mesa principal do restaurante que ficava no segundo piso, num patamar favorável ao almoço com

vistas para as videiras. O ambiente era moderno, quase pós-moderno de tão *clean*. A música era agradável, porque estava na tonalidade adequada para servir de fundo e não atrapalhar. As mesas eram poucas e estavam distantes uma das outras, de modo a que a conversa e a intimidade de cada grupo, casal ou mesmo indivíduo fosse preservada.

O perfume que exalava da cozinha aguçava a fome de Rafaela. O *maitre* explicou-lhe as três opções do cardápio do dia, tanto para a entrada, quanto para o prato principal e para a sobremesa e fez uma descrição dos três tipos de vinhos que acompanhariam a refeição, adequados à sequência que ela escolhera: syrah, malbec e cabernet sauvignon. O bom gosto da louça, das taças, dos móveis e a fineza do serviço, discreto sem ser bajulante, fazia-lhe sentir-se nas nuvens.

Lembrou-se da família, no Brasil, e ficou se perguntando se queria dividir aquele momento com eles. Concluiu que sim, teria grande prazer nisso, mas não de partilhar a experiência com todos, ao mesmo tempo, porque se estava com sua avó não queria conversar as mesmas coisas que gostaria de conversar com sua mãe. Tampouco podia suportar ver seu irmão se digladiar com seu pai, tentando-o convencer de que Dilma Roussef era uma guerrilheira perigosa e, por isso, todos deveriam arregimentar, mais votos para Serra, nessa última semana que precedia o pleito do segundo turno.

Rafaela sentiu um pouco de remorso de ter trocado o direito ao voto e de exercitá-lo nesse momento, pelo encontro para o qual Pedro lhe chamara pelo telefone há três dias, sem que ela esperasse.

Uma jovem aproximou-se da mesa, perguntando-lhe se estava sendo bem servida. Rafaela conversou um pouco com ela, que lhe contou que estudara relações públicas em Buenos Aires e viera para Mendoza, assim que lhe apareceu a oportunidade desse trabalho na Finca Decero. Explicou-lhe a origem do nome: tratava-se de uma propriedade que estava abandonada e foi adquirida por um casal de suíços, para nela se implantar o plantio da uva. No começo de 1990, as cepas foram plantadas, começando-se a cultura “do zero”, de onde se explicava, em espanhol, o Decero. Toda a produção do vinho que se fazia ali era exportada para a Suíça, com exceção do que era vendido na boutique que estava no térreo da mesma edificação e o que era servido naquele restaurante. A propriedade era administrada por um gerente que morava em Mendoza e era supervisionada por um diretor executivo que vivia em Buenos Aires e vinha até a vinícola, duas a três vezes ao mês. Os proprietários mesmo, agora que tudo estava consolidado, passavam um ano sem aparecer por ali, embora recebessem relatórios diários pela internet. Rafaela perguntou-se como alguns intelectuais de “esquerda” ainda duvidavam das particularidades do período atual, denominado por Globalização.

Assim que foi servido o prato principal, ela verificou que, no outro canto da sala, estava o casal que lhe “perseguiu” desde cedo e já não se importou se ela estava ou não escrevendo a sua história e, tampouco, se seria capaz ou não de traduzir bem o que era Rafaela. Não importava isso agora, porque a paisagem, o excelente sabor da comida e a sensação inebriante que o vinho lhe proporcionava davam àquele momento toda a centralidade que ele merecia. Ergueu a taça sozinha, fazendo um tim tim imaginário e brindou à vida, agradecendo o amor que vivia, mesmo com todos os seus constrangimentos e, sobretudo, a capacidade que esperava ter recobrado, de viver bons momentos sozinha, sem se sentir uma solitária.

Ao chegar ao Huentala, exausta do dia cheio de emoções, ligou a TV e viu que todos os canais anunciavam a morte prematura, aos 60 anos, do ex-presidente Nestor Kirchner. Em seguida, verificou no celular que havia uma mensagem de Pedro, informando-lhe que não poderia vir essa noite, já que tomara o avião em direção a Buenos Aires, onde participaria das homenagens fúnebres e cumprimentaria Cristina. Rafaela acessou rapidamente a internet à procura de um vôo que lhe possibilitasse voltar ao Brasil e, ainda, votar nas eleições do segundo turno.

Mendoza, outubro de 2010.

Carminha Beltrão